

**PLANTAS UTILIZADAS PARA A  
PRODUÇÃO DE ARTESANATO PELO  
POVO FULNI-Ô: INFORMAÇÕES  
ECOLÓGICAS E MANUAL DE BOAS PRÁTICAS  
DE MANEJO DO COQUEIRO OURICURI**

**TXLEKASATO SETSO FULNI-Ô SAKHOONEHO:  
NEKAHE TATE SATXTXOKHDEHO SAKHOONEKA IOOÕATE**

Jemerson Caetano de Sá (Tafkexkyaxkya)  
Juliana Loureiro de Almeida Campos  
Temóteo Luiz Lima da Silva  
Ulysses Paulino de Albuquerque



Jemerson Caetano de Sá (Tafkexkyaxkya)  
Juliana Loureiro de Almeida Campos  
Temóteo Luiz Lima da Silva  
Ulysses Paulino de Albuquerque

**PLANTAS UTILIZADAS PARA A  
PRODUÇÃO DE ARTESANATO PELO  
POVO FULNI-Ô: INFORMAÇÕES  
ECOLÓGICAS E MANUAL DE BOAS PRÁTICAS  
DE MANEJO DO COQUEIRO OURICURI**

**TXLEKASATO SETSO FULNI-Ô SAKHOONEHO:  
NEKAHE TATE SATXTXOKHDEHO SAKHOONEKA IOOËATE**



Recife – Pernambuco – Brasil

Primeira edição publicada em 2022 por NUPEEA  
www.nupeea.com

Copyright© Autores Publicado no Brasil

Tradução para o idioma Yaathe  
Jailson Correia Daca (Mextle Waketwa)

Laboratório de Ecologia e Evolução de  
Sistemas Socioecológicos  
Universidade Federal de Pernambuco



Este é um e-book distribuído sob os termos da Creative Commons Attribution License (CC BY). O uso, distribuição ou reprodução em outros fóruns é permitido, desde que o(s) autor(es) original(is) e o(s) proprietário(s) dos direitos autorais sejam creditados e que a publicação original seja citada, de acordo com a prática acadêmica aceita. Não é permitido nenhum uso, distribuição ou reprodução que não esteja em conformidade com estes termos.

Coedição

canal6 editora



Catálogo na Publicação (CIP)  
(Benitez Catalogação Assessoria Editorial)

P773 Plantas utilizadas para a produção de artesanato pelo povo Fulni-ô : informações  
1.ed. ecológicas e manual de boas práticas de manejo do coqueiro Ouricuri /  
Jemerson Caetano de Sá...[et al.]. – Bauru, SP : Canal 6 : Nupeea, 2022.  
40 p.; 16 x 23 cm.

Outros autores : Juliana Loureiro de Almeida Campos, Temóteo Luiz Lima da  
Silva, Ulysses Paulino de Albuquerque.

Bibliografia.

ISBN 978-85-7917-574-9 (impresso)

ISBN 978-85-7917-575-6 (e-book)

1. Artes plásticas. 2. Artesanato indígena. 2. Fulni-ô – Povos indígenas.  
3. Povos indígenas – Pernambuco. 4. Sustentabilidade ambiental. I. Sá, Jemerson  
Caetano. II. Almeida, Juliana Loureiro de. III. Silva, Temóteo Luiz Lima da.  
IV. Albuquerque, Ulysses Paulino de.

05-2022/112

CDD 745.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Artesanato : Trabalhos manuais : Artes 745.5

Biblioteca responsável: Aline Grazielle Benitez CRB-1/3129

# SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO .....	7
CONTEXTO HISTÓRICO E ATUAL DO ARTESANATO FULNI-Ô .....	9
<b>PRIMEIRA PARTE</b>	
PLANTAS USADAS NA CONFECÇÃO DE ARTESANATO PELO POVO FULNI-Ô .....	11
<b>SEGUNDA PARTE</b>	
O COQUEIRO OURICURI (KEXATKHA) .....	23
AGRADECIMENTOS.....	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	37



# APRESENTAÇÃO

O povo Fulni-ô habita a região de Águas Belas, Pernambuco, Nordeste do Brasil. Sua principal fonte de renda é a venda do artesanato produzido com plantas da Caatinga, ecossistema que faz parte da região onde vivem. As peças produzidas trazem consigo a cultura e a simbologia desse povo que, apesar da proximidade com a sociedade não indígena, ainda preserva muitos de seus costumes e tradições.

O material que você tem nas mãos é fruto de uma parceria entre pesquisadores do Laboratório de Ecologia e Evolução de Sistemas Socioecológicos (LEA) da Universidade Federal de Pernambuco e o povo Fulni-ô. Aqui apresentamos os resultados de pesquisas de mestrado e doutorado que envolveram a temática do artesanato Fulni-ô. Relatamos um pouco da história da produção do artesanato em contextos antigos e atuais. Também descrevemos as principais plantas utilizadas pelos Fulni-ô para a produção de artesanato, os locais de coleta e as peças produzidas. Entre essas plantas destacamos o coqueiro Ouricuri, planta de elevada importância cultural para os Fulni-ô.

Os trabalhos tiveram início quando alguns Fulni-ô entraram em contato com o coordenador do LEA relatando a necessidade de realizar uma pesquisa que buscasse compreender se a extração de folhas do coqueiro Ouricuri estaria comprometendo a viabilidade de suas populações naturais. Os resultados dessa pesquisa trazem informações importantes relacionadas a conservação dessa palmeira, assim como orientações sobre boas práticas de coleta e manejo. As boas práticas de manejo são um conjunto de orientações que tem como objetivo padronizar os procedimentos para promover a sustentabilidade ambiental, sociocultural e econômica da atividade extrativista. As orientações para o manejo do Ouricuri representam uma síntese do conhecimento acumulado pelos Fulni-ô e pelos

pesquisadores, visando garantir a manutenção do equilíbrio ambiental e a conservação do coqueiro, mas também contribuir para a melhoria da qualidade e do volume da produção e tornar a atividade mais segura para os extrativistas.

Você também vai encontrar nesse material informações existentes na literatura sobre o ciclo de vida do coqueiro Ouricuri, as características do ambiente em que vive, animais que ajudam na propagação de seus frutos, orientações para germinação e armazenamento das sementes, composição nutricional e a importância sociocultural, econômica e ecológica dessa planta tão valiosa. Sugerimos que essa cartilha seja utilizada pelos extrativistas de folhas da aldeia Fulni-ô como um manual de orientação e também nas escolas da aldeia, em trabalhos que visem orientar os jovens estudantes sobre a importância da prática de produção de artesanato e conscientizar sobre a conservação das plantas encontradas na terra indígena Fulni-ô. Esperamos que você desfrute do material que tem em mãos!

## SANÑEKA

Setso fulni-ô ooya dmãnewke tha tnilhase newke thóth'doa kexa ktowke nemã tha khoojohé txlekasato lai newte sakhawa ,saktounawa einidwa awa txlekasato newnãke saãkyake nemãde neka exneka yatxtxo khia yaafëekhet'to txtxo yaxkylwate otxhaitoa sato khethawke yadidikya khanã yaktounawate yake ããkylhade nemã akhoode tadwa hé otxhaitoa sato yake etxdjoase yate satxhatnete seti txlekasato sakhooneho yatilha seti ehese eefeane nemã setso fulni-ô nãnekade tha khoojoo eidjo etiade nede setso fulni-ô khoojoo ooke yéxnekade yafeekhettotwa txtxo nedw uunimã yatxtxo nemã txlekasato ikhãkyateka tha sesa nekodwa khonefã owthoati kexatkha, new eefeaska yadofeyã new khoojoo fetsanekase tha otxhaitoa fthoote sathatis'mãse otxhaitoa ehese the ekhdete new txleka kexatkha eefeisete yanew txlekasato edoodokyamã nekawde ya sake txkyasede setso fulni-ô õkyake yatxlekasato khofeyã efeea.

# CONTEXTO HISTÓRICO E ATUAL DO ARTESANATO FULNI-Ô

A confecção e a comercialização de artesanatos possuem importante papel econômico e cultural para os Fulni-ô. Muitos artesãos sustentavam suas famílias a partir da produção de artesanato feitos a partir das folhas do coqueiro Ouricuri, especialmente a vassoura, que era comercializada no centro da cidade de Águas Belas. Outros artesanatos eram empregados como utensílios no cotidiano do povo e em suas expressões culturais e ritualísticas. Nas apresentações de danças, por exemplo, os Fulni-ô geralmente utilizam saias feitas a partir das folhas do coqueiro Ouricuri (*Syagrus coronata* Mart ex Spreng), aió (um tipo de bolsa) que é feito com fibras do crauá (*Neoglaziovia variegata* (Arruda) Mez), maracá (tipo de instrumento musical) que é feita com frutos de cabaça (*Cucurbita* sp.), lança que é feita a partir de diferentes madeiras e uma diversidade de pinturas no corpo, feitas com as tintas vermelha e preta obtidas de uma rocha (a tawá).

Grandes mudanças ocorreram na atividade de produção de artesanato Fulni-ô no final dos anos 90. Os Fulni-ô passaram a inovar e diversificar a confecção de artesanato após a baixa demanda na comercialização no centro de Água Belas. Esse processo foi intensificado quando os artesãos começaram a se organizar em grupos e seguir em caravanas para as grandes capitais do Brasil para realizar apresentações culturais, geralmente de danças tradicionais. Essas caravanas passaram a ser uma boa oportunidade de comercialização e valorização do artesanato Fulni-ô. Assim, os artesãos passaram a confeccionar artefatos que nem sempre estiveram presentes em sua cultura, mas que possuíam grande demanda no mercado de artesanato indígena, como arco e flecha, cocar e colares. Com a diversificação da confecção de artesanatos, eles também passaram

a utilizar algumas espécies de plantas nativas que anteriormente não eram utilizadas nessa atividade, bem como realizar trocas e compras de matéria-prima com outras etnias, especialmente da região Norte, como sementes e penas mais vistosas que as encontradas na flora e fauna da caatinga.

Atualmente, mulheres e homens de diferentes idades se envolvem na atividade de produção de artesanato. Geralmente a coleta da matéria prima é atribuída aos homens que vão a mata sozinhos ou em grupos. A confecção é realizada por adultos, mas vários membros da família se envolvem nas diferentes etapas do processo. A comercialização ocorre em dois principais momentos do ano: 1. Durante o mês de abril, em que é comemorado o dia do índio no Brasil. Os artesãos intensificam a coleta dos recursos vegetais e a confecção de artesanatos nos meses de fevereiro e março, pois em abril eles partem para as grandes cidades para comercializá-los; 2. Durante a Feira Internacional de Artesanato de Pernambuco (FENEARTE) que ocorre anualmente no mês de julho. Além disso, é muito comum a comercialização de artesanatos nas próprias casas na Aldeia Sede, visando o público não indígena que realiza visitação turística na aldeia.

# PRIMEIRA PARTE

## PLANTAS USADAS NA CONFECÇÃO DE ARTESANATO PELO POVO FULNI-Ô

Uma pesquisa de mestrado<sup>1</sup> realizada em 2014 contou com a participação de 67 artesãos que utilizavam plantas para a produção de artesanato. Dentre outros objetivos, buscou-se registrar a plantas utilizadas na confecção de artesanato e a biomassa vegetal (quantidade de material vegetal) em kg utilizada por cada artesão. Para isso, foram realizadas entrevistas com os artesãos (Figura 1A) que aceitaram participar da pesquisa para conhecer quais plantas são utilizadas na atividade do artesanato, quais artesanatos são produzidos e onde eles costumam coletar cada uma dessas plantas. Para registrar a quantidade de plantas utilizadas, o pesquisador visitou a casa de todos os artesãos e utilizou uma balança de mão para pesar todo os artesanatos que estavam no estoque (Figura 1B). Assim, foi possível identificar o peso de cada planta (em quilogramas – kg) que cada artesão utilizou na atividade do artesanato.

---

1 Esta pesquisa de mestrado originou o artigo “Market integration does not affect traditional ecological knowledge but contributes additional pressure on plant resources”, publicado no periódico Acta Botânica Brasílica.



**Figura 1.** Procedimentos utilizados para acessar o conhecimento tradicional sobre a produção de artesanato Fulni-ô. A. Entrevista com indígena Fulni-ô. B. Pesagem da quantidade de planta utilizada na confecção de artesanato.

A pesquisa identificou 40 plantas usadas na atividade do artesanato e uma diversidade de 40 artefatos diferentes. Nesta cartilha, vamos apresentar algumas dessas plantas, seu nome científico e em yathe, suas características e falar sobre quais artesanatos podem ser confeccionados a partir delas. Além disso, apresentamos as informações sobre os locais de coleta e a quantidade (em kg) de planta utilizadas por todos os artesãos no ano de 2015, quando a pesagem dos artesanatos foi realizada. As plantas apresentadas aqui são aquelas que foram citadas pela maioria dos artesãos e que possuíram maiores registros de quantidade utilizada durante a pesagem dos artesanatos. Essas informações são importantes pois revelam quais artesanatos produzidos mais afetam as matas do Território Indígena Fulni-ô.

Ao longo dessa cartilha, você perceberá que uma grande quantidade de quilos de plantas é necessária para a confecção de artesanatos, o que pode prejudicar os estoques naturais delas no meio ambiente. Além disso, muitos artesanatos que nem sempre estiveram presentes na cultura Fulni-ô são atualmente produzidos em grandes quantidades, utilizando plantas que não eram consumidas nessa quantidade em tempos passados. Os dados que apresentamos aqui são de 2015 (7 anos atrás). Se a atividade e exploração dessas espécies foi intensificado, é provável que o estoque natural dessas espécies esteja prejudicado atualmente.

Acreditamos que essas são as espécies mais importantes para a atividade do artesanato Fulni-ô. Vamos descobrir quais são elas?

# 1. ANGICO

**Nome em yaathe:** Thsaikya

**Nome científico:** *Anadenanthera colubrina var. cebil* (Griseb.) Altschul

O angico é utilizado na confecção do modelo de xanduca (Figura 2B) (tipo de cachimbo) mais comum do povo Fulni-ô. Seu tronco possui grandes acúleos (estrutura semelhante a espinhos) que adornam o artefato. Também é utilizado na confecção da borduna (Figura 2A) e da lança, artefatos que eram utilizados como armamentos nos tempos passados. O angico oferece uma madeira dura e densa, características necessárias para confecção de ambos os artefatos. O angico é uma planta nativa da caatinga e é coletado principalmente na mata do Ouricuri e em algumas serras do Território Indígena Fulni-ô, como a serra do Comunaty e a serra Chiqueiro dos Bodes. Em 2015, aproximadamente 19kg de troncos e galhos de angico foram utilizados na confecção de artesanatos pelo povo Fulni-ô. Veja abaixo imagens da bodurna e da xanduca feitas a partir do angico:



**Figura 2.** Imagens da bodurna (A) e xanduca (B) confeccionadas com o angico

## 2. BAMBU

**Nome em yaathe:** Khlidja

**Nome científico:** *Bambusa sp.*

O bambu é utilizado principalmente na confecção da zarabatana e do apito. Esses dois artefatos são muito produzidos pela etnia porque possuem grande demanda nas escolas e feiras culturais onde os grupos de dança se apresentam, provavelmente por serem utilizados de forma lúdica por crianças. O bambu é coletado nas serras do Território Indígena Fulni-ô bem como no Território Indígena do povo Cariri-Xocó, de Alagoas. Em 2015, aproximadamente 10kg de troncos de bambu foram utilizados na confecção desses artesanatos pelo povo Fulni-ô.

## 3. CABAÇA

**Nome em yaathe:** Tsaka

**Nome científico:** *Curcubita sp.*

O fruto da cabaça (*Cucurbita sp.*) é utilizado na confecção da maracá (Figura 3), que é um instrumento musical amplamente utilizado nas danças e músicas do povo Fulni-ô. A maracá é um dos artefatos mais comercializado pelos Fulni-ô. O artefato é confeccionado a partir dos frutos da cabaça e pode ser esculpido, pintado e até mesmo ornamentado com penas de aves. Esses adornos caracterizam a maracá original do povo Fulni-ô e a distingue das que são produzidas por outras etnias pernambucanas. Esse artesanato também pode ser produzido com frutos do coité (*Crescentia cujete L.*). A cabaça é cultivada nos quintais das próprias residências da aldeia sede. Em 2015, aproximadamente 33kg de frutos de cabaça foram utilizados na confecção de maracá pelo povo Fulni-ô. Veja abaixo a imagem da maracá:



Figura 3. Maracá com penas e adornos produzido pelo povo Fulni-ô.

#### 4. CANELA DE VEADO

**Nome em yaathe:** Flolakhîô

**Nome científico:** *Coutarea hexandra* (Jacq.) K. Schum

A canela de veado é uma das principais plantas utilizada na confecção de arco e flecha devido a flexibilidade de sua madeira. O arco e flecha são os artefatos mais produzidos e comercializados pela etnia Fulni-ô, assim a demanda de troncos e caules dessa espécie é bem elevada. Após ter seus troncos cortados a espécie costuma rebrotar novos troncos, isso a torna mais capaz de recuperar-se do extrativismo para confecção de artesanato. A espécie é coletada na mata do Ouricuri bem como na serra do Comunaty e na serra Chiqueiro dos Bodes. Em 2015, aproximadamente 96kg de troncos e galhos dessa espécie foram utilizados na confecção de arco e flecha e pelo povo Fulni-ô.

## 5. CRAUÁ

Nome em yaathe: Txiá

Nome científico: *Neoglaziovia variegata* (Arruda) Mez

O Crauá (ou Caroá) é uma planta muito utilizada na confecção de artesanato do povo Fulni-ô, especialmente porque é possível produzir uma corda a partir das fibras retiradas de suas folhas que é utilizada na confecção, ornamentação e finalização de diferentes artefatos. A corda do arco e flecha Fulni-ô, por exemplo, geralmente é feita da fibra do crauá. Da fibra do crauá também é confeccionado um tipo de bolsa conhecido como aió (Figura 4) bem como vestimentas utilizadas em rituais e danças. O aió possui tradição na cultura Fulni-ô. Todo caçador carrega um consigo, em suas investidas na mata, à procura de caça para transportar os animais caçados, cascas de plantas medicinais, frutos coletados etc. A confecção do aió é meticulosa e exaustiva e poucos indígenas possuem a habilidade do trançado. O crauá é coletado na mata do Ouricuri. Veja abaixo imagens do aió:



Figura 4. Aió produzido pelo povo Fulni-ô.

## 6. FEIJÃO BRABO

**Nome em yaathe:** Natsaka xidja

**Nome científico:** *Cynophalla flexuosa* (L.) J.Presl

O feijão brabo é uma das principais plantas utilizada na confecção de arco e flecha, especialmente por oferecer madeira flexível e coloração clara, que realça a cor das pinturas feitas pelos artesãos. Também é bastante utilizado na confecção de um modelo de xanduca ornamentado (Figura 5) que representa uma inovação nesse tipo de artesanato Fulni-ô. Os artesãos esculpem a madeira do feijão brabo, desenhando e pintando rostos indígenas, cocares e palavras para adorná-la e torná-la mais atrativa. O feijão brabo é coletado principalmente na mata do ouricuri, mas também pode ser encontrado nas serras do TI Fulni-ô. Em 2015, aproximadamente 100kg de troncos e galhos dessa espécie foram utilizados na confecção de arco e flecha e xanduca pelo povo Fulni-ô. Veja abaixo imagens da xanduca personalizada:



**Figura 5.** Xanduca de feijão-brabo esculpida e adornada.

## 7. IMBURANA DE CAMBÃO

**Nome em yaathe:** Doyá

**Nome científico:** *Commiphora leptophloeos* (Mart.) J.B.Gillett

A imburana de cambão é utilizada principalmente na confecção da machadinha (Figura 6), um artefato utilizado como armamento nos tempos passados. Os artesãos colam uma pedra amolada na madeira advinda dessa planta e adornam com tinturas típicas da cultura Fulni-ô. Por ser fácil de manusear e esculpir, sua madeira também é utilizada para confeccionar o modelo de xanduca ornamentado, semelhante à produzida com o feijão brabo. Após ter seus troncos cortados a espécie costuma rebrotar novos troncos, isso a torna mais capaz de se recuperar do extrativismo para confecção de artesanatos. A espécie é coletada principalmente na mata do Ouricuri. Veja abaixo a imagem da machadinha:



**Figura 6.** Machadinha produzida a partir da imburana-de-cambão

## 8. JUREMA PRETA

**Nome em yaathe:** Khoxa

**Nome científico:** *Mimosa tenuiflora* (Willd.) Poir.

A jurema possui expressividade na cultura Fulni-ô pelo seu uso ritualístico e propriedade medicinais. Ademais, a planta também é utilizada na confecção de xanduca e, em baixa escala, na confecção de arco e flecha. Possui madeira escura e densa, o que torna mais árduo seu manuseio. A jurema é coletada principalmente na mata do Ouricuri. Em 2015, aproximadamente 3,5kg de troncos e galhos dessa espécie foram utilizados na confecção de xanduca e arco e flecha pelo povo Fulni-ô.

## 9. COQUEIRO OURICURI

**Nome em yaathe:** Kexatkha

**Nome científico:** *Syagrus coronata* (Mart.) Becc.

O ouricuri é umas das principais plantas utilizadas na produção de artesanato Fulni-ô. A partir de sua folha é possível confeccionar uma grande diversidade de itens que vão desde utensílios como o abano, a esteira, o tapete, a vassoura e o cesto, até ornamentos e vestimentas como o aloá, o chapéu, diversas bolsas e a saia (Figura 7). Seu fruto também é utilizado na confecção de colares, brincos e anéis. O ouricuri é coletado nas serras do TI Fulni-ô, especialmente na Serra do Comunaty. Em 2015, aproximadamente 55kg de folhas dessa espécie foram utilizados na confecção de diferentes artesanatos pelo povo Fulni-ô. Veja abaixo imagens do aloá, de vassouras, do tapete, de cestos e do abano:



**Figura 7.** Artesanatos produzidos a partir de folhas do ouricuri.  
A: aloá. B: vassoura. C: tapete. 4: cesto. 5: abano.

## 10. QUIXABEIRA

**Nome em yaathe:** Txlekaatoa

**Nome científico:** *Sideroxylon obtusifolium* (Roem. & Schult.) T.D.Penn

A quixabeira é mais uma das plantas que é utilizada na confecção de arco e flecha. A madeira de seu caule também pode ser utilizada na fabricação de lança, artefato usado como arma nos tempos passados. Os artesãos esculpem a madeira para amolar a lança e a adornam com tinturas e penas de aves. A quixabeira é coletada na mata do Ouricuri. Em 2015, aproximadamente 5kg de troncos e galhos dessa espécie foram utilizados na confecção arco e flecha pelo povo Fulni-ô.

## 11. TABOCA

**Nome em yaathe:** Fioneho tet'tho

**Nome científico:** *Guadua sp.*

A taboca, assim como o bambu, é utilizada na confecção de apito e zarabatana. O formato oco e resistente de seu caule favorece a produção de ambos os artefatos que são bastante comercializados para crianças, quando os grupos culturais se apresentam em escolas. A taboca é coletada nos municípios de alagoas próximos ao TI Fulni-ô. Em 2015, aproximadamente 15kg de caules de taboca foram utilizados na confecção de apitos e zarabatanas pelo povo Fulni-ô.



# SEGUNDA PARTE

## O COQUEIRO OURICURI (KEXATKHA)

A segunda parte desse material se refere ao coqueiro Ouricuri, uma planta de elevada importância cultural para os Fulni-ô. Nessa seção, trazemos uma breve descrição das características da planta, áreas de ocorrência, usos e informações sobre o desenvolvimento do coqueiro para a produção de mudas. Descrevemos também os resultados de uma pesquisa de doutorado solicitada pelos Fulni-ô, que relataram a preocupação com a diminuição do coqueiro na região de Águas Belas. Esperamos que as informações contidas nesse material sejam úteis para a implementação de práticas de manejo benéficas para o coqueiro, a fim de mantê-los na região e contribuir para a continuidade do extrativismo e uso dessa espécie tão importante para os Fulni-ô.

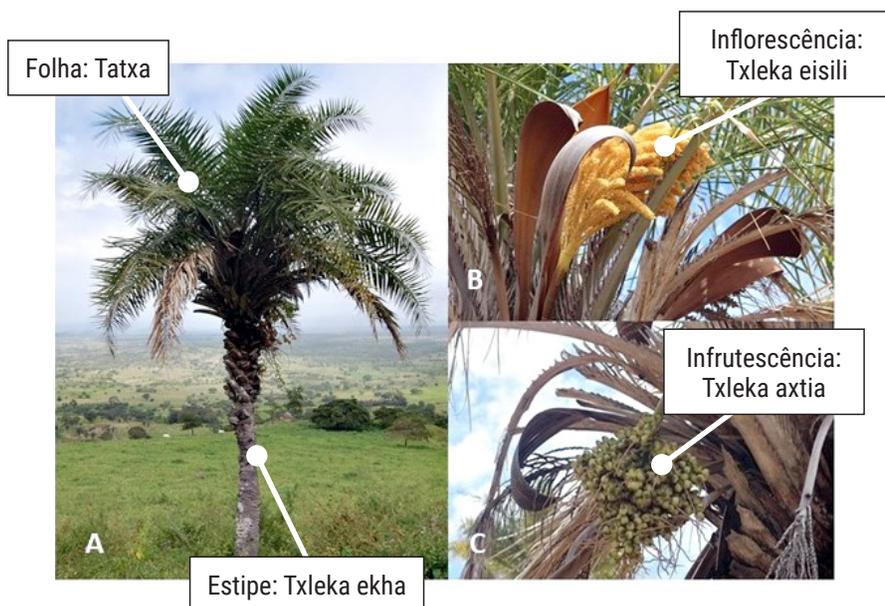
### DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA E OCORRÊNCIA

O coqueiro Ouricuri é uma palmeira brasileira que ocorre nos estados de Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia e norte de Minas Gerais. Habita a Caatinga e florestas semidecíduas (que perdem parte de suas folhas em tempos de seca) ao leste do Rio São Francisco, Bahia, assim como zonas de transição entre a Caatinga e campo rupestre, que faz parte do bioma Cerrado. O Ouricuri gosta de viver em ambientes abertos e em locais que tenham tanto solos ricos em nutrientes e profundos quanto solos rasos e com baixa quantidade de nutrientes. É uma planta resistente e quando adulto, sobrevive bem em locais com pouca chuva.

## CARACTERÍSTICAS DA PLANTA

O nome científico do Ouricuri é *Syagrus coronata* porque suas folhas são organizadas em formas de coroa. Com esse nome, o coqueiro Ouricuri pode ser reconhecido no mundo inteiro! Os Fulni-ô o conhecem como ouricuri, aricuri e uricuri, mas em outras regiões do Nordeste essa palmeira é chamada de licuri, alicuri, aricuí, adicuri, coqueiro-cabeçudo, coqueiro-aracuri, coqueiro-dicuri, iricuri, ouricurizeiro e uricuriba.

O caule, que também tem o nome de estipe, pode alcançar até 12 metros de altura. As folhas são duras e esbranquiçadas do lado de dentro, e possuem de 2 a 3 metros de comprimento, distribuídas em espiral ao longo do estipe. As flores do Ouricuri têm coloração amarelo-claro e formam um belo cacho conhecido como inflorescência. Esse cacho está protegido por uma estrutura rígida conhecida como capemba. Os coquinhos possuem coloração verde escuro quando ainda não amadureceram e a cor muda para amarelo-alaranjado quando maduros. Veja a seguir algumas imagens do coqueiro e o nome de suas partes em português e yaathe.



**Figura 8.** Partes do coqueiro Ouricuri. A: planta inteira. B: inflorescência sendo recoberta pela capemba; C: cacho de frutos.

## COMPOSIÇÃO NUTRICIONAL DOS FRUTOS

Quando verdes, os frutos do Ouricuri possuem um líquido em seu interior que se torna sólido à medida que vai amadurecendo, dando origem à amêndoa. Esses frutos são muito energéticos e possuem grande quantidade de gorduras e de proteínas, além de serem ricos em antioxidantes naturais, que são substâncias que ajudam a prevenir o envelhecimento precoce. Já a polpa dos frutos é rica em carboidratos e vitamina A, que contribui para o fortalecimento da imunidade e para o desenvolvimento saudável do organismo. Como possui uma alta concentração de nutrientes, o Ouricuri apresenta grande potencial para enriquecer a alimentação das pessoas que vivem na região semiárida do Nordeste do Brasil.

## PERÍODOS DE FLORAÇÃO E DE PRODUÇÃO DE COQUINHOS

Na região de Águas Belas, a produção de flores e frutos do Ouricuri ocorre principalmente entre os meses de dezembro a março. Em outras regiões há registros de coqueiros que chegam a florescer e frutificar durante todo o ano se as condições do ambiente em que vivem forem favoráveis, como, por exemplo, locais onde há pouca degradação da vegetação e condições medianas de chuvas.

## PROPAGAÇÃO NATURAL DO COQUEIRO OURICURI

Para o Ouricuri formar frutos, é preciso que haja um processo denominado **polinização**, que ocorre quando o pólen (pequenos grãos produzidos pelas flores masculinas e que são responsáveis pela reprodução) chega até as flores femininas e ocorre a união das estruturas reprodutivas. Os principais agentes que ajudam na polinização das flores do Ouricuri são o vento e os insetos, principalmente abelhas e besouros.

Quando maduros, os frutos caem no chão e são utilizados como alimento por animais silvestres como roedores (cotias, mocós, preás, ratos) e alguns lagartos. Para guardar as sementes, estes animais as enterram e

muitas acabam germinando e dando origem a novas plantas. A maioria das aves que se alimentam dos frutos retiram a polpa e jogam fora as sementes, espalhando-as em outros ambientes, processo conhecido como **dispersão**.

Animais domésticos como galinhas, bodes e o gado também se alimentam dos coquinhos. Ao se alimentarem, esses animais ajudam na dispersão, já que as sementes **não são digeridas e são** eliminadas inteiras nas fezes dos animais ou por meio da regurgitação.

### VOCÊ SABIA?

As formigas removem a polpa do fruto e as sementes podem permanecer dentro do formigueiro ou podem ser levadas para a superfície e descartadas nas proximidades das entradas dos ninhos. Dessa forma, as formigas podem trazer uma série de benefícios ao Ouricuri, proporcionando proteção das sementes diante do fogo e favorecendo o desenvolvimento de novas plantinhas ao depositar as sementes no solo.

O bicho-do-coco (*Pachymerus nucleorum*) é um besouro que se alimenta dos frutos do Ouricuri. Suas larvas, conhecidas como lagarta-do-ouricuri, crescem no interior dos frutos e são muito utilizadas na alimentação de famílias da região semiárida da Bahia, ingeridas cruas ou fritas. Os Fulni-ô também se alimentam das lagartas quando as encontram no interior dos frutos colhidos.

## INFORMAÇÕES SOBRE O PLANTIO E PRODUÇÃO DE MUDAS

O processo de transformação das sementes em novas plantas só acontece se houver a germinação. No coqueiro Ouricuri esse processo geralmente é lento devido a um fenômeno chamado **dormência**, que é quando as sementes, mesmo sendo viáveis e tendo todas as condições ambientais favoráveis à germinação (quantidade ideal de água, umidades, temperatura

etc.), deixam de germinar. A germinação do Ouricuri ocorre mais rápido quando o plantio é realizado logo após a coleta das sementes.

Para o plantio, é fundamental que os frutos sejam muito bem lavados e cuidadosamente secos ao sol antes de serem semeados. Pesquisadores recomendam lavá-los em solução de água com hipoclorito de sódio (água sanitária) na proporção de uma colher de sopa de água sanitária para 1 litro de água. Também é importante que as sementes sejam armazenadas em ambiente seco por um período de 6 meses para que sejam mais bem conservadas. Quando produzida em viveiro, e recomendável que as mudas sejam mantidas nesse ambiente por no mínimo 1 ano após o início da germinação, mantendo cerca de 30% de intensidade luminosa com sombrite (material que tem a função de diminuir a intensidade luminosa em viveiros). Em locais controlados, a produção de frutos tem início a partir de seis anos após o plantio, e cada coqueiro pode produzir até 4 cachos por ano.

## IMPORTÂNCIA SOCIOECONÔMICA E CULTURAL

Nas entrevistas realizadas com o povo Fulni-ô foram relatados 60 usos do Ouricuri. Esses usos são, em sua maioria, relacionados ao artesanato, como a produção de tapetes, esteiras, abano, xanduca, chapéu, vassoura, entre outros itens. Os Fulni-ô também utilizam o Ouricuri como remédio: as folhas são utilizadas para curar dor de dente, dor de cabeça e dor de barriga e a água que fica dentro do coco verde é usada para tratar doenças do olho. Na alimentação, os coquinhos são colhidos e comidos crus, cozidos e são utilizados para a produção de óleo e leite de coco. Antigamente, as casas dos Fulni-ô eram construídas com as folhas do coqueiro.

O coqueiro Ouricuri é de grande importância socioeconômica não só na região de Águas Belas, mas em toda a região semiárida do Brasil. A seguir vamos descrever os usos que já foram registrados em pesquisas.

## VOCÊ SABIA?

A importância do coqueiro Ouricuri é tão grande que ele é protegido por lei: em 2008, o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) instituiu a normativa de nº 191/2008 (IBAMA, 2008). A medida visa a sobrevivência da espécie, mantendo a produção de frutos e, conseqüentemente, a disponibilidade de alimento para os animais. Na Bahia, diversas leis municipais e estaduais proíbem o corte do coqueiro. No município de Antônio Gonçalves a chamada “Lei do Licuri Livre” ou “Lei do Ouricuri” garante o livre acesso e o uso comum das terras por meio de cancelas e porteiras aos catadores de licuri e suas famílias, que coletam folhas e frutos em regime de economia familiar e comunitária.

No sertão baiano, os frutos do Ouricuri são consumidos crus ou cozidos e utilizados para extração de uma farinha que serve como ingrediente de bolos, doces, biscoitos e pães. O óleo e o leite extraído dos frutos são de grande riqueza nutricional e empregados na produção de pratos como as “umbuzadas” e peixadas. O óleo do Ouricuri apresenta elevado potencial hidratante e é utilizado como cosmético para a pele e cabelo (na forma de cremes, xampus, condicionadores) e na produção de sabões e sabonetes. A polpa do fruto ainda verde é usada para a produção de licor, bebida muito apreciada durante as tradicionais festas de São João. Os frutos crus são utilizados para a confecção de rosários que são consumidos como aperitivos.

Assim como em Pernambuco, as folhas do Ouricuri são usadas para a confecção de artesanato em comunidades locais da Bahia, além de serem empregadas em construções e utilizadas para a alimentação de animais domésticos. Das folhas também pode ser extraída uma grande quantidade de cera, utilizada na elaboração de tochas para iluminação noturna e para queimar ninhos de formigas. O estipe parece ser a parte menos utilizada de toda a palmeira, sendo destinado somente à fabricação de mourões em comunidades rurais em Buíque, interior de Pernambuco.

## A PESQUISA COM O OURICURI EM ÁGUAS BELAS

A pesquisa de doutorado realizada na aldeia indígena Fulni-ô teve início em 2014 e surgiu quando alguns membros do povo Fulni-ô entraram em contato com o coordenador do Laboratório de Ecologia e Evolução de Sistemas Socioecológicos (LEA) relatando a necessidade de realizar um estudo que buscasse compreender se a extração de folhas do coqueiro Ouricuri estaria comprometendo a viabilidade de suas populações naturais. A pesquisa contou com a participação de 66 artesãos que utilizavam as folhas do Ouricuri para a produção de artesanato. Primeiramente, buscamos entender o conhecimento dos Fulni-ô e verificar se os artesãos que usam o Ouricuri apresentavam mais características da cultura Fulni-ô em comparação com artesãos que não usam a folha e com os Fulni-ô que não são artesãos. Para chegar a esse objetivo, realizamos entrevistas com os Fulni-ô e contamos com a ajuda de Jemerson que nos informou se os Fulni-ô tinham fluência no idioma yaathe, se eram filhos de pai e mãe Fulni-ô e a escolaridade. Chegamos à conclusão de que os indígenas que usam as folhas do Ouricuri mantiveram bastante as características da cultura Fulni-ô em comparação com os indígenas que não usam, e concluímos que o coqueiro ajuda na manutenção dessa cultura. O Ouricuri funciona então como um reservatório cultural, trazendo força e resistência para os Fulni-ô. Conservar o coqueiro Ouricuri e seu uso significa preservar a tradição Fulni-ô.

Para selecionar os locais onde iríamos monitorar o crescimento e frutificação do coqueiro Ouricuri, realizamos uma reunião que contou com a participação de 26 pessoas da aldeia Fulni-ô e que apresentavam forte relação com a planta. Convidamos os participantes a desenharem um mapa da região de Águas Belas, destacando todos os locais utilizados para a coleta das folhas do coqueiro. Veja como foi esse momento:



**Figura 9.** Reunião com coletores e artesãos que utilizam folhas do coqueiro Ouricuri para confecção do mapa da região da Terra Indígena Fulni-ô.

Em seguida, os participantes escolheram seis locais para a realização do estudo: dois locais que eles visitam pouco (Baixinha e Cigana), dois locais que eles visitam muito (Fazenda Nova e Espingarda) e dois locais que eles visitam com frequência intermediária (Serra Nova e Chiqueiro dos Bodes). Fizemos então um gráfico histórico e os participantes indicaram como eles percebiam as mudanças na quantidade de coqueiros ao longo do tempo em cada um desses locais, com início em 1970 e finalizando em 2014. Observe a figura a seguir que mostra como foi feito o gráfico histórico:



**Figura 10.** Gráfico sendo produzido por extrativistas e artesãos que utilizam as folhas do coqueiro Ouricuri e que indica as mudanças percebidas na quantidade de coqueiros.

Para identificar os fatores antigos e atuais percebidos pelos Fulni-ô como ameaças aos coqueiros, fizemos uma linha do tempo. Nesse momento, os participantes indicaram eventos que teriam ocorrido na região e alterado a quantidade de coqueiros, relatando a época de ocorrência e suas consequências. Veja como foi essa atividade:



**Figura 11.** Linha do Tempo sendo produzida por extrativistas e artesãos que utilizam o coqueiro Ouricuri.

Os Fulni-ô indicaram que a quantidade de coqueiros de todos os locais diminuiu ao longo do tempo. De acordos com os participantes, os coqueiros começaram a diminuir com a chegada do Serviço de Proteção ao Índio (SPI) na aldeia, por volta de 1924, o que desencadeou o arrendamento de terras da Serra do Comunaty (principal local de coleta de folhas do coqueiro em tempos passados). Com o processo de arrendamento, as populações não indígenas começaram a se mudar para as terras Fulni-ô e deram início às práticas de queimada para o preparo das terras para agropecuária. Em 1970, os coqueiros foram afetados por uma grande seca na região, e em 1980 a frequência de queimadas intencionais para a produção de agropecuária pelos rendeiros aumentou, diminuindo ainda mais a quantidade de coqueiros.

A década de 1990 foi indicada como o marco inicial da desvalorização do artesanato com as folhas de Ouricuri devido à queda na procura do artesanato pelo mercado. Com isso, a atividade deixou de ser a principal fonte de renda dos Fulni-ô. Nos anos 2000, os rendeiros começaram a utilizar as folhas do coqueiro para alimentar o gado na estação seca do ano, devido à ausência de outras espécies vegetais utilizadas para esse fim, causando brusca diminuição dos coqueiros e a consequente redução da coleta de folhas pelos artesãos.

Os participantes também apontaram a falta de interesse dos mais jovens em coletar as folhas e produzir o artesanato atualmente. O desinteresse poderia estar sendo causado por fatores relacionados ao arrendamento de terras, como a proibição de entrada nos locais de coleta de folhas e a diminuição dos coqueiros devido à prática da agropecuária por rendeiros.

Diante disso, interpretamos que o principal fator percebido pelos Fulni-ô como causa da diminuição das populações do Ouricuri é o arrendamento de terras, atividade que contribui fortemente para a geração de renda na aldeia.

Também procuramos entender como os Fulni-ô coletam as folhas e se existe diferença entre a forma de coleta dos extrativistas mais experientes e dos menos experientes. Essa informação foi levantada por meio de entrevistas com 26 extrativistas de folhas do Ouricuri. Veja a seguir algumas imagens dos momentos das entrevistas e de alguns artesãos e artesãs realizando seu trabalho:



**Figura 12.** Registros das entrevistas com artesãs, artesãos e extrativistas de folhas do coqueiro Ouricuri na aldeia indígena Fulni-ô.

Por meio das entrevistas, observamos que a maioria dos extrativistas mais experientes coletam as folhas de uma maneira mais sustentável, pois não retiram o “olho” da palmeira, que são as duas folhas mais jovens. Já boa parte dos extrativistas menos experientes afirmaram que retiram todas as folhas do coqueiro no momento da coleta. Essa informação nos mostra que é muito importante que os extrativistas mais experientes compartilhem seus métodos de coleta com aqueles menos experientes. Sugerimos que isso seja feito por meio de uma reunião com todos os extrativistas da aldeia.

O terceiro e último objetivo da pesquisa foi entender como os coqueiros estão crescendo e que características do ambiente favorecem o seu crescimento nos seis locais escolhidos pelos Fulni-ô presentes na reunião. Chamamos de “**população**” o agrupamento de coqueiros presente em cada um dos locais. Para chegarmos a essas respostas, em julho de 2014

cercamos duas áreas nos seis locais escolhidos (Baixinha, Cigana, Serra Nova, Chiqueiro dos Bodes, Espingarda e Fazenda Nova) e marcamos com placas numeradas todos os coqueiros dentro do cercado, inclusive as plantas menores (mudinhas), que chamamos de **plântulas**. Medimos a altura de todos eles e repetimos essas medidas uma vez por ano até 2017. Também contamos o número de folhas produzidas e o número de cachos de frutos produzidos a cada três meses, coletamos e analisamos o solo e medimos a quantidade de luz, a temperatura do ar e a umidade do ar nesses locais. Observe as imagens dos seis locais escolhidos pelos Fulni-ô para esse estudo e perceba como eles são diferentes:



**Figura 13.** Imagens dos seis locais em que a pesquisa para monitoramento do crescimento e produção de frutos do coqueiro Ouricuri foi realizada (Águas Belas, Pernambuco).

## PRINCIPAIS CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES PARA O MANEJO E CONSERVAÇÃO DO COQUEIRO OURICURI EM ÁGUAS BELAS

Ao final dos quatro anos de estudo, chegamos à conclusão de que as populações de coqueiros dos seis locais estudados estão diminuindo de tamanho. A diminuição das populações de Ouricuri em Águas Belas é bastante preocupante para o povo Fulni-ô, cuja principal base econômica é a produção de peças de artesanato que utilizam as folhas do coqueiro como matéria prima.

Os coqueiros preferem locais com mais luminosidade, e para fazer com que as populações de Ouricuri cresçam, é muito importante que as plantas mais novas e os coqueiros adultos (que estão se reproduzindo) sejam mantidos vivos nos locais.

A **Baixinha** e **Cigana** são as áreas que apresentaram maior queda na população de coqueiros e as plantas mais novas morreram muito de um ano para outro. Sugerimos que a coleta nesses locais seja evitada. **Serra Nova** e **Chiqueiro dos Bodes** foram as áreas que apresentaram populações com maior número de plantas mais novas de Ouricuri e muitos adultos reproduzindo. Chiqueiro dos Bodes é a área menos degradada e mais recomendada para coleta de folhas. Apesar de ser intensamente utilizada para agricultura e pecuária e apresentar registros de queimadas, a Serra Nova ainda é um local indicado para a coleta de folhas.

**Fazenda Nova** e **Espingarda** apresentaram alta mortalidade de plantas mais novas de Ouricuri e os dois locais são utilizados para agricultura e criação de bovinos e caprinos. São áreas bastante degradadas, com registros de queimadas e de roçado constante. Sugerimos que a coleta de folhas nesses locais seja realizada em menor frequência e não com frequência alta como indicado pelos Fulni-ô durante a oficina de mapeamento comunitário.

De acordo com os resultados da nossa pesquisa, sugerimos que a manutenção dos coqueiros que estão reproduzindo e o aumento no número de plantas menores sejam as estratégias mais importantes para o manejo e conservação do coqueiro Ouricuri na região de Águas Belas. As práticas de uso da terra realizadas por arrendatários parecem ter influenciado de forma negativa a sobrevivência das plantas mais novas

do Ouricuri, principalmente na Baixinha e na Cigana. O roçado, o fogo e a alta intensidade de pisoteio de bovinos e caprinos contribuem muito para a mortalidade dessas plantas pequenas. Se as práticas de desmatamento forem seguramente evitadas, sugerimos a construção de um viveiro para a produção de mudas de Ouricuri. As mudas, depois de estabelecidas, podem ser transferidas para as áreas de extrativismo, principalmente para Baixinha e Cigana, já que estas apresentaram número muito baixo de plantas menores.

Os coqueiros nunca devem ser cortados, sejam pés novos ou velhos, mesmo que aparentemente existam muitos. Eles ocupam pouco espaço e ajudam a aumentar a produtividade dos plantios e das pastagens, já que as suas raízes são profundas e por isso os coqueiros buscam água e nutrientes das partes mais profundas no solo. Também recomendamos que a extração de folhas seja feita somente em coqueiros que já estejam produzindo coquinhos, e que os coqueiros com maior número de folhas sejam priorizados durante a extração. Recomendamos nunca colher mais da metade do total das folhas de qualquer coqueiro, e que a coleta das folhas de um mesmo coqueiro seja repetida a cada 60 dias (dois meses), mas sempre que possível este prazo deve ser maior do que 90 dias (três meses), pois esse é o tempo necessário para que o Ouricuri se recupere e possa produzir novas folhas. Finalmente, sugerimos que a extração de folhas seja sempre realizada de maneira a não causar a morte das palmeiras maiores, deixando sempre as folhas mais jovens no coqueiro.

# AGRADECIMENTOS

Ao povo Fulni-ô pelo acolhimento e autorização das pesquisas, principalmente ao Pajé e Cacique. À Jemerson e Jaílson pela revisão final do texto e tradução para o yaathe.

# REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Lorenzi, H. 2010. Flora Brasileira: Arecaceae (Palmeiras). Instituto Plantarum, Nova Odessa, 599 Brasil.
- Andrade, W. M., Ramos, M. A., Souto, W. M. S., Bento-Silva, J. S. 2015. Knowledge, uses and practices of the licuri palm (*Syagrus coronata* (Mart.) Becc.) around protected areas in northeastern Brazil holding the endangered species Lears Macaw (*Anodorhynchus leari*). Tropical Conservation Science 8: 893–911.
- Agra, M. D. F., Silva, K. N., Basílio, I. J. L. D., Freitas, P. F. D., Barbosa-Filho, J. M. 2008. Survey of medicinal plants used in the region Northeast of Brazil. Revista brasileira de farmacognosia 18(3): 472-508.
- Balick, M. J. 1979. Amazonian oil palms of promise: a survey. Economic Botany 33:1-28.
- Carvalho, N. O. S., Pelacani, C. R., Rodrigues, M. O. S., Crepaldi, I. C. 2006. Initial growth of licuri plants (*Syagrus coronata* (Mart.) Becc.) under different light intensity. Revista *Árvore* 30(3): 351-357.
- Crepaldi, I.C., Salatino, A., Rios, A. 2004. *Syagrus coronata* and *Syagrus vagans*: Traditional exploitation in Bahia, Brazil. Palms 38: 43-48.
- Noblick, L. R. 2017. A revision of the genus *Syagrus* (Arecaceae). Phytotaxa 294: 1-262.
- Costa Neto, E. M. 2004. Estudos etnoentomológicos no estado da Bahia, Brasil: uma homenagem aos 50 anos do campo de pesquisa. Biotemas 17 (1): 117-149.
- Drumond, M. A. 2007. Licuri: *Syagrus coronata* (Mart.) Becc. Embrapa: Documentos 199. Petrolina: Embrapa Semi-Árido. 16p.

- Santos-Moura, S. S. 2013. Morfologia de frutos, diásporos, plântulas, mudas e cultivo *in vitro* de embriões zigóticos de *Syagrus coronata* (Mart.) Becc. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal Rural de Pernambuco.
- Santos-Moura, S.S., Gonçalves, E. P., Melo, L.D.F.A., Paiva, L.G., Silva, T. M. 2016. Morphology of fruits, diaspores, seeds, seedlings, and saplings of *Syagrus coronata* (Mart.) Becc. Bioscience Journal 32: 652-660.
- Medeiros-costa, J. T. 1982. As palmeiras (Palmae) nativas em Pernambuco, Brasil. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal Rural de Pernambuco.
- Crepaldi, C. 2001. *Syagrus coronata* (Martius) Beccari e *Syagrus vagans* (Bondar) Hawkes: palmeiras economicamente importantes na caatinga baiana. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo.
- Medeiros, M. J., Oliveira, M. T., Willadino, L., Santos, M. G. 2015. Overcoming seed dormancy using gibberellic acid and the performance of young *Syagrus coronata* plants under severe drought stress and recovery. Plant Physiology and Biochemistry 97: 278-286.
- Damáσιο, J.M.A. 2014. Caracterização nutricional e avaliação da composição lipídica do licuri (*Syagrus coronata*) e seus coprodutos. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.
- Crepaldi, I. C., Almeida-Muradian, L. B., Rios, M. D. G., Penteadó, M. V. C., Salatino, A. 2001. Composição Nutricional do fruto de licuri (*Syagrus coronata* (Martius) Beccari). Revista Brasileira de Botânica. 24 (2): 155-159.
- Aroucha, E. P. T. L.; Aroucha, M. L. 2013. Boas Práticas de Manejo para o Extrativismo Sustentável do Licuri. Brasília: Instituto Sociedade, População e Natureza.
- Rocha, K.M.R. 2009. Biologia reprodutiva da palmeira licuri (*Syagrus coronata* (Mart.) Becc.) (Arecaceae) na ecorregião do raso da Catarina, Bahia. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal Rural de Pernambuco.
- Howe, H. F.; Smallwood, G. F. 1982. Ecology of seed dispersal. Annual Review of Ecology and Systematics 13: 201-228.
- Hortitz, C. C.; Beattie, A. J. 1980. Ant dipersal of *Calathea* (Marantaceae) by carnivorous *Ponerines* (Formicidae) in a tropical rain florest. American Journal of Botany 67: 321-326.

- Handel, S. N. 1978. The competitive relationship of three woodland sedges and its bearing on the evolution of ant-dispersal of *Carex pedunculata*. *Evolution* 32: 151-163.
- Rodrigues, M.O.S.; Lima-Brito, A.; Carvalho, N.O.S.; Crepaldi, I.C.; Pelacani, C.R. 2006. Viabilidade de sementes de licuri (*Syagrus coronata* (Mart.) Becc.) durante o armazenamento. *Sitientibus Série Ciências Biológicas* 6(1): 50-55.
- Rufino, M., Costa, J.T., Silva, V., Andrade, L. 2008. Conhecimento e uso do ouricuri (*Syagrus coronata*) e do babaçu (*Orbignya phalerata*) em Buíque, PE, Brasil. *Acta Botanica Brasilica* 22(4): 1141-1149.

## **Sobre o livro**

*Formato* 16 x 23 cm

*Tipologia* Minion Pro (texto)  
Tryna n.5 (títulos)

*Papel* Pólen 80g/m<sup>2</sup> (miolo)  
Supremo 250g/m<sup>2</sup> (capa)



UNIVERSIDADE  
FEDERAL  
DE PERNAMBUCO



O material que você tem nas mãos é fruto de uma parceria entre pesquisadores do Laboratório de Ecologia e Evolução de Sistemas Socioecológicos (LEA) da Universidade Federal de Pernambuco e o povo Fulni-ô. Aqui apresentamos os resultados de pesquisas de mestrado e doutorado que envolveram a temática do artesanato Fulni-ô. Relatamos um pouco da história da produção do artesanato em contextos antigos e atuais. Também descrevemos as principais plantas utilizadas pelos Fulni-ô para a produção de artesanato, os locais de coleta e as peças produzidas. Entre essas plantas destacamos o coqueiro Ouricuri, planta de elevada importância cultural para os Fulni-ô.

Apoio



INSTITUTO NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
ETNOBIOLOGIA, BIOPROSPECÇÃO  
E CONSERVAÇÃO DA NATUREZA

